



A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA VIVA: LUGAR DE RESISTÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NA PERIFERIA DE FORTALEZA

Juariza Alves de Sousa ¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da biblioteca comunitária no processo de construção coletiva de vivências, memórias e conhecimento das populações periféricas através do acesso à literatura, cultura e arte. A Biblioteca Viva, objeto de análise desse artigo, é uma biblioteca comunitária criada a partir da iniciativa de moradores do bairro Barroso, periferia da cidade de Fortaleza-CE, que ultrapassa as funções tradicionais de uma biblioteca e tem se transformado em um lugar simbólico de criações coletivas através de atividades culturais, educativas e artísticas realizadas no seu espaço. Alicerçada na ideia de direito à literatura, bem como aos saberes que integram as diferentes formas de expressões culturais humanas, a Biblioteca Viva vem se consolidando como espaço de resistência à realidade hegemônica e de democratização do acesso ao conhecimento. Dessa forma, utilizando o método dialético e a pesquisa descritiva, este trabalho aborda as características, objetivos e efeitos da Biblioteca Viva na comunidade, esses últimos passíveis de maiores estudos e análises futuras.

Palavras-chave: Biblioteca comunitária, Biblioteca Viva, Resistência, Periferia.

INTRODUÇÃO

As bibliotecas comunitárias são espaços que surgem de forma orgânica, idealizadas e efetivadas por agentes individuais ou coletivos, em sua maioria cidadãos comuns, com ou sem instrução formal, com ou sem apoio governamental ou de ordem privada. Surgem geralmente nas periferias das grandes cidades brasileiras, em função da dificuldade de acesso aos bens culturais e da ausência do Estado (MACHADO, 2008).

Esses lugares de leitura que surgem nas áreas periféricas possuem importância social, à medida que surge como uma possibilidade de a população manter contato com itens que não poderia adquirir, considerando o valor elevado dos livros e o baixo poder aquisitivo de grande parte da população brasileira, além de proporcionar o acesso desses

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, professora da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza e colaboradora da Biblioteca Viva, juariza.alves@gmail.com.



cidadãos ao conhecimento e às possibilidades de transformação social através da literatura e das atividades culturais realizadas nesses espaços (BLANK; SARMENTO, 2010).

A forma de atuação das bibliotecas comunitárias está intimamente ligada à ação cultural, com a promoção de diversas atividades que englobam o contexto sociocultural das pessoas que fazem parte da comunidade onde esse equipamento está presente. Essa característica evidencia a importância desse tipo de biblioteca para além do armazenamento e empréstimo de livros, tornando-as únicas. A biblioteca torna-se, assim, espaço de vivências coletivas singulares, como afirma Machado (2008)

É interessante perceber que a biblioteca comunitária surge como um poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra hegemônica, de quase enfrentamento social, numa nova realidade, que escapa das medidas e das categorias descritivas existentes, passando praticamente despercebida pela academia (MACHADO, 2008, p. 51).

Dessa forma, considerando a biblioteca comunitária como um espaço de resistência pois resiste às condições que reprimem o direito à literatura e restringem esse direito atrelando-o ao poder aquisitivo, pode-se pensar esse espaço como uma alternativa à exclusão social, à desigualdade e às injustiças sofridas por dado grupo social. Esse local pode ser entendido, por tanto, como espaço de luta entre diferentes campos de forças expressas no embate entre circunstâncias características da globalização perversa² e lugar de enfrentamento à essa realidade imposta (SANTOS, 1979).

Observando a questão do direito à literatura, a realização do presente trabalho teve a justificativa assentada na ideia de que todos devem poder ter acesso ao conhecimento expresso nos livros, julgando ser esse um item de fundamental importância no desenvolvimento do ser humano pois “confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente” (CÂNDIDO, 2011, p. 177). A literatura é, assim, instrumento de transformação, primeiramente individual na medida em que humaniza quem a constrói e a acessa, e, posteriormente, social.

Considerar a literatura um direito fundamental e ferramenta de mudança social foram as ideias que me impulsionaram a colaborar com a criação e efetivação de uma biblioteca comunitária no bairro no qual resido. Desse modo, o presente trabalho é

² Santos (1979) entende que todas as mazelas, tais como empobrecimento da população e o restrito acesso ao conhecimento e educação de qualidade, são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização.



resultado da observação e colaboração no desenvolvimento da Biblioteca Viva, localizada no bairro Barroso, periferia da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, e tem como objetivo discutir a importância dos trabalhos implementados por esse espaço, que ultrapassam a organização e empréstimo de livros e permeiam ações culturais, artísticas e informacionais que passaram a fazer parte do cotidiano da comunidade, principalmente dos mais jovens, e contribuem na construção do conhecimento de forma coletiva.

O presente trabalho tem caráter descritivo de abordagem dialética, método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos aqui expostos não podem ser analisados fora de um contexto social (GIL, 2008). Algumas atividades implementadas no âmbito da Biblioteca Viva foram observadas *in loco*, contudo, a maior parte das informações foram levantadas através das mídias sociais criadas e mantidas pela biblioteca, como *Instagram* e *Facebook*, além da mídia comercial, como jornais locais, e revista digital elaborada e publicada mensalmente pelos membros da biblioteca.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa possui cunho descritivo, caracterizada pela observação, análise, registro, classificação e interpretação dos fatos sem que o pesquisador interfira sobre eles (GIL, 2008). Desse modo, foi realizada a observação sistemática das atividades realizadas no espaço da Biblioteca Viva, além do levantamento de informações relevantes através das mídias digitais, tais como jornais, redes sociais e revista eletrônica, construída e desenvolvida pelos representantes da biblioteca em colaboração com os próprios moradores do bairro no qual está situada.

A observação das atividades realizadas no espaço da Biblioteca Viva, foi facilitada pelo fato de a mesma ter sido implementada na comunidade a qual resido e trabalho como professora. Desse modo, as ações culturais, artísticas e educativas promovidas por esse espaço foram os principais objetos de análise dessa pesquisa, bem como a transformação desse local em um lugar simbólico socialmente construído e os seus efeitos no sentido de construção coletiva do conhecimento.

O método científico de análise buscou interpretar o papel da biblioteca comunitária de forma dialética, considerando que a complexidade do espaço não pode ser



entendido como um conjunto de “coisas”, mas como um conjunto de processos, em que as coisas estão em constante mudança, sempre em vias de se transformar. O método dialético estabelece que “os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas e culturais” (GIL, 2008, p. 14). Dessarte, a compreensão do fenômeno que se expressa na forma de uma estrutura física apropriada pela comunidade como espaço de transformação da realidade vivida, não pode ser analisada de forma distante da realidade social que está inserida.

REFERENCIAL TEÓRICO

A biblioteca comunitária ainda é um tema pouco explorado no meio acadêmico, contudo, foi possível fazer o levantamento de alguns autores que têm direcionado as suas produções e pesquisas na abordagem dessa temática, esclarecendo as funções, importância e desafios das bibliotecas comunitárias espalhadas pelo país. Dessa forma, os principais teóricos utilizados como base foram Machado (2008), Prado e Machado (2008), Blank e Sarmiento (2010), Prado (2010), Cavalcante e Feitosa (2011).

Pesquisas realizadas por Machado (2008), Prado e Machado (2008), Prado (2010) e Cavalcante e Feitosa (2011), levantaram a importância das bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil, considerando-as como espaços de cidadania que criam memórias coletivas, atuam como pontes na construção do conhecimento, contribuem para a redução das desigualdades informacionais nas periferias e passam a ter grande relevância nas localidades em que se instalam. Machado (2008) apontou, ainda, políticas públicas para o fortalecimento e ampliação dessas iniciativas. Blank e Sarmiento (2010) realizaram uma revisão bibliográfica do tema, desde a gênese do termo biblioteca comunitária à estudos que destacam a sua importância social.

Além dos autores que estudam o fenômeno das bibliotecas comunitárias, utilizou-se como base a concepção geográfica de lugar, categoria de análise utilizada para afirmar o papel de resistência local do objeto de estudo. Fundamentado por Santos (1979) e Tuan (1983), o lugar é entendido como um espaço compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições, tendo como base da vida comum a cooperação e o conflito. Esse lugar também é marcado pela percepção, experiência e valores, podendo ser expressão de resistência às dinâmicas da globalização perversa, ao pensamento único.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Biblioteca Viva surgiu a partir da iniciativa de um grupo de moradores do bairro Barroso composto, em sua maioria, por estudantes de graduação de cursos de Ciências Humanas de universidades públicas. O grupo idealizou um projeto de biblioteca comunitária afim de democratizar o acesso à literatura e ao conhecimento, apoiados na premissa de que todo cidadão deve ter acesso aos livros como um direito tão fundamental quanto os expostos no artigo 5º da Constituição Federal brasileira de 1998, pois, de acordo com Cândido (2011)

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CÂNDIDO, 2011, p. 179).

Assim, as três faces da função da literatura, que funcionam de forma orgânica e simultânea, são, segundo o autor, o que a torna objeto construído com grande poder humanizador, que abarca as diferentes dimensões da formação humana e influencia diretamente na construção ou (des)construção das estruturas sociais vigentes.

Com base nas afirmações de Cândido (2011), cabe aqui problematizar uma declaração feita pelo atual Ministro da Economia, ao anunciar que incluirá um imposto de 12% sobre o mercado editorial em sua proposta de reforma tributária, afirmando que livros seriam objetos de luxo, bens de elite, e esse tributo seria uma forma de cobrar de quem paga mais³. O livro, visto aqui como direito fundamental, não deve ficar restrito às classes sociais mais elevadas e a biblioteca comunitária surge na contramão dessa realidade, possibilitando o acesso à literatura, cultura e conhecimento de forma coletiva, consolidando o seu papel de lugar de resistência.

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, a partir de entrevistas domiciliares, demonstra com dados a força das bibliotecas comunitárias na democratização do acesso aos livros. De acordo com a pesquisa, jovens e adultos da periferia lideram o perfil do leitor fortalezense e 15% dos entrevistados sempre vão a uma biblioteca localizada na comunidade. Contrariando o argumento

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/a-falacia-de-paulo-guedes-sobre-a-taxacao-de-livros.shtml>.



exposto pelo Ministro da Economia, em Fortaleza, apenas 3% dos leitores são da Classe A, enquanto as Classes B, C, D e E apresentam, respectivamente, 22%, 52% e 24% (juntas) desse público. Evidencia-se, assim, que os livros só se tornam “bens da elite” quando o seu acesso é restringido, principalmente pela questão financeira, e não pela falta de procura por esses itens pelas classes mais empobrecidas da sociedade.

A Biblioteca Viva se caracteriza como biblioteca comunitária por diferentes fatores que a definem: a forma como é gerida, por membros da comunidade através de um processo participativo e articulado localmente; o modo como surgiu, efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural; a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social; o fato de estar localizada em um bairro periférico e por não ser uma instituição governamental, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação, sendo mantida e financiada por membros da própria comunidade (MACHADO, 2009).

A atuação da Biblioteca Viva ultrapassa as funções básicas de uma biblioteca, como o recebimento, catalogação, armazenamento e empréstimo de livros, e no seu espaço são realizadas atividades culturais, artísticas, educacionais e de socialização de conhecimento e vivências. Todas as ações realizadas na biblioteca são efetivadas por membros da comunidade e colaboradores externos, como escritores, professores, artistas, que se disponibilizaram a contribuir para as atividades desenvolvidas nesse espaço.

Alguns exemplos de importantes ações efetivadas na Biblioteca Viva, realizadas semanal e/ou mensalmente, incluem a contação de histórias, sarau de poesia, oficina de colagem e de audiovisual, e cursos de astronomia, desenho e de línguas estrangeiras, como inglês e japonês. É interessante destacar que muitos desses momentos de estudos e compartilhamento de conhecimentos são economicamente inacessíveis para grande parte dos moradores do bairro, desse modo, a biblioteca atua no sentido de levar saberes, outrora restritos às classes de maior poder aquisitivo, para essa parcela da população, democratizando o acesso ao conhecimento.

A Biblioteca Viva realizou oficinas de xadrez, com o intuito de atender a demanda levantada pelos frequentadores desse espaço. As oficinas de xadrez contaram com a participação da premiada Vanessa Ketlyn Sousa, cearense que se dedica ao esporte de forma profissional. As oficinas de xadrez culminaram no I Campeonato de Xadrez das



Bibliotecas Comunitárias, realizado em parceria com bibliotecas comunitárias de outros bairros periféricos da cidade, a exemplo da Biblioteca Livro Livre, localizada no bairro Curió. O campeonato de xadrez mobilizou o bairro e foi viabilizado por moradores da comunidade, desde a cessão do espaço à divulgação do evento, e contou com a participação de pessoas das comunidades vizinhas.

A Biblioteca Viva efetivou, ainda, rodas de conversas que são realizadas no interior e/ou na área exterior da biblioteca e geralmente possuem temáticas consideradas de grande relevância para os membros da comunidade, tais como a reforma da previdência e prevenção às IST's e o uso de preservativos. A autora Marisa Jesus (2007, p.3) alerta para a necessidade da “[...] existência de bibliotecas comunitárias, que atendam às necessidades de informação, [podendo] minimizar a exclusão social”. Machado (2008) salienta que

Nesse sentido, é preciso estar atento para identificar quais informações são importantes para o cidadão comum, o trabalhador, o desempregado, a dona-de-casa, as crianças e jovens que não frequentam a escola, os idosos, as pessoas com necessidades especiais, entre tantos outros. É a partir desse contato e aproximação que é possível identificar necessidades [...] (MACHADO, 2008, p.149).

As rodas de conversa acerca de temas sociais, econômicos e políticos foram essenciais no sentido de informar os moradores e discutir as consequências locais das decisões governamentais tomadas de forma horizontal, causando impactos principalmente na vida da população mais vulnerável da sociedade. Dessa forma, esse trabalho conjunto foi alicerçado na tese de que a biblioteca é o locus ideal para o indivíduo apreender as informações necessárias à formação da sua consciência cidadã. O trabalho de orientar a população sobre temas de importância socioeconômica e política faz parte do processo de empoderamento e tomada de consciência desses indivíduos, podendo minimizar a exclusão social e estimular a participação cidadã no debate político (CUPANI, 2004).

As diferentes práticas realizadas na Biblioteca Viva tornam esse lugar um espaço não apenas físico, mas simbólico, de interações e convivências, construídas e geridas pela comunidade em que se encontra inserida. O espaço apropriado pela população torna-se, assim, um lugar no sentido proposto por Tuan (1983), repleto de experiências e valores que transformam o espaço físico em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação.



Durante o período de isolamento social, causado pela pandemia do novo coronavírus, a biblioteca teve que ser fechada, obedecendo a determinação das autoridades governamentais. Nesse momento os idealizadores da Biblioteca Viva criaram uma revista eletrônica intitulada “A Biblioteca de Dia”, como forma de manter a biblioteca atuante, mesmo de forma digital, e divulgar os trabalhos criados pelos moradores do bairro. A revista “A Biblioteca de Dia” é composta essencialmente por poesias, poemas, contos e textos escritos por membros da comunidade, potencializando os talentos dessas pessoas e tornando-as protagonistas no processo de construção de um material literário único, fruto das suas vivências, corroborando com o que evidencia Machado (2009)

Objetivamente, essas bibliotecas devem criar mecanismos para colaborar no desenvolvimento da sua comunidade, potencializando os próprios talentos dos indivíduos e das comunidades, constituindo-se como espaços públicos voltados para a emancipação, onde a prática cidadã possa aflorar de forma inovadora, criativa e propositiva (MACHADO, 2009, p. 6).

O período de pandemia também fez com que a biblioteca utilizasse cada vez mais as redes sociais e os meios digitais na divulgação de informações relevantes para a comunidade, tais como campanhas de vacinação e formas de prevenção à covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. O uso informacional intenso das redes e a criação da revista eletrônica indicaram a superação de um obstáculo enfrentado por grande parte das bibliotecas comunitárias e exposto por Machado (2008)

Apesar do forte trabalho com a leitura, são poucas as bibliotecas comunitárias, que conseguem avançar na gestão e transferência da informação pública, sendo que a maioria deixa a cargo da mídia comercial esse serviço. É o rádio, a televisão e a internet que cumprem essa função. É fato também que o mesmo acontece em relação às bibliotecas públicas, como já identificado por outros autores (MACHADO, 2008, p. 14).

A utilização das redes e a incorporação de meios digitais para a difusão de informações e trabalhos construídos pela comunidade, torna visível como a Biblioteca Viva se consolida como espaço democrático que não exclui as marcas das chamadas “novas culturas”, mediadas pelas novas mídias, e que inclusive fazem parte do contexto sociocultural da população periférica, especialmente dos mais jovens.

Destarte, conclui-se que a Biblioteca Viva tem construído atividades que ratificam as suas características e objetivos como biblioteca comunitária, consoante com o exposto pelos teóricos utilizados nesse trabalho, e que transformaram o espaço físico em lugar de



vivências, objetivando o desenvolvimento humano sustentável através da cultura e da construção de conhecimento de forma coletiva, de modo a romper com as fronteiras das desigualdades sociais e fortalecer ações de inclusão informacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas comunitárias passaram a ser fortemente implementadas na cidade de Fortaleza nos últimos anos, emergindo nas grandes periferias desta que é uma das capitais mais desiguais do país e que, por conseguinte, produz uma grande diversidade de espaços urbanos heterogêneos, afetados diretamente pela lógica de um sistema socioeconômico que privilegia as classes mais altas em detrimento das populações periféricas.

Esses espaços comunitários são frutos das práticas sociais e culturais do cotidiano para o enfrentamento da falta de acesso ao conhecimento e à literatura, atuando como uma força propulsora local que resiste e se contrapõe à lógica vigente. Esses locais de leitura, convivência, troca de experiências e informações ganham um significado simbólico quando são apropriados pela comunidade, construindo conhecimentos e saberes de forma coletiva através de várias atividades desenvolvidas para e pela comunidade.

A Biblioteca Viva, iniciativa criada por moradores de uma bairro da periferia de Fortaleza, é um exemplo de biblioteca comunitária que se caracteriza pela gestão participativa de membros da própria comunidade, legitimada pelos moradores que também participam da construção das atividades realizadas nesse local. A criação de uma biblioteca comunitária emergiu a partir da ideia de democratização da literatura, da arte e da cultura com o objetivo de reduzir as desigualdades sociais e de acesso ao conhecimento no bairro, espaço em que os equipamentos de lazer apresentam-se reduzidos e precarizados.

O espaço físico da biblioteca comunitária adquiriu novos significados a partir do momento em que a população se apropriou daquele local, criando vivências coletivas e memórias que passaram a impregnar o espaço de sentidos compartilhados pelos membros da comunidade. Assim, o espaço construído se transformou em lugar simbólico, passando a fazer parte integralmente da comunidade, como estrutura de lazer, informação e construção de saberes.



Dessa forma, a biblioteca comunitária se configura como importante espaço no processo de empoderamento da população periférica, pois proporciona o acesso à cultura e ao conhecimento, condição fundamental para a tomada de consciência e promoção de mudanças sociais através da luta política e coletiva. Cabe destacar a importância da educação como sustentáculo desse processo e como lutar por uma educação libertadora, crítica, criativa e de qualidade é a base de toda e qualquer iniciativa popular de democratização do acesso ao conhecimento.

REFERÊNCIAS

BLANK, C. K; SARMENTO, P. S. Bibliotecas comunitárias: uma revisão de literatura. **Revista Biblionline**, v. 6, n. 1, p. 142-148, 2010.

CÂNDIDO, A. O direito à literatura. *In*: Vários Escritos. Rio de Janeiro: **Ouro sobre Azul**, 2011.

CAVALCANTE, L. E.; FEITOSA, L. T. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. **Revista Ciência da Informação**, v.7, n.1, Rio de Janeiro, p. 121-130, 2011.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. **Scientiæ zudia**, São Paulo, v. 2, n. 4, p.493-518, 2004.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2008.

JESUS, M. S. Implantação de bibliotecas comunitárias nos municípios do Estado da Bahia. Disponível em:
<<https://bibliotextos.files.wordpress.com/2011/08/implantac3a7c3a3o-da-bibliotecas-comunc3a1rias-no-estado-da-bahia.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

MACHADO, E. Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2008. João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa: UFPB, 2008.

MACHADO, E. C. (2009). Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital De Biblioteconomia E Ciência Da Informação**, v. 7, n. 2, p. 80-94.

PLATAFORMA PRÓ-LIVRO. **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em:
<http://prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2020/07/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_na_FLUP_e_Bienal_RJ_2019.pdf>. Acesso em: 29 set. 2020.



PRADO, G. M. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. **Revista Inclusão Social**, v. 3, n. 2, p.143-149, 2010.

PRADO, G. M.; MACHADO, E. Território de memória: fundamentos para a caracterização de biblioteca comunitária. IX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2008. São Paulo. **Anais [...]** Brasília: UnB, 2008.

SANTOS, M. Espaço e Sociedade. Petrópolis: **Voices**, 1979.

TUAN, Y. F. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: **Difel**, 1983.